

O ITEM *TODO*: POSSIBILIDADES E FUNÇÕES

Danilo Sobral de Souza (UESB)

dan_sobral@hotmail.com

Valéria Viana Sousa (UFPB/UESB)

valeriavianasousa@gmail.com

RESUMO

Com as luzes do modelo funcionalista norte americano de análise da língua, a proposta deste trabalho é tentar entender as possibilidades de utilização do item linguístico *todo* e suas funções em determinados usos. Além disso, observamos se a repetição do item, como em *todo-todo*, pode configurar algum novo sentido ou função dentro da estrutura sintática. Para tal, tomamos notas gerais sobre o paradigma funcional e o formal, além de explanar brevemente sobre a teoria sociolinguística e sobre a teoria funcionalista. Após isto, recorreremos às classificações e definições presentes em dicionários e em compêndios da tradição gramatical e da tradição linguística. Realizado esse percurso inicial, partimos, então, para a tentativa de análise do item, que é observado em duas composições musicais, além de em algumas manchetes jornalísticas digitais. Como fundamentação teórica, amparamo-nos, sobretudo, em Cunha (1964), Sousa (2008), Hopper (1991) e Naro & Votre (2002).

Palavras-chave: Funcionalismo. Sociolinguística. Variação. Mudança linguística.

1. Notas iniciais

O objetivo desse trabalho é tentar entender as possibilidades de sentido do item linguístico *todo*. Para tanto, faremos uma explanação breve sobre as correntes linguísticas formalista e funcionalista, além de apresentar breves notas sobre a sociolinguística e o funcionalismo. A partir desse percurso inicial, mostraremos as nossas escolhas teóricas. A análise de nosso objeto percorrerá as definições estabelecidas pela tradição gramatical brasileira, além de compêndios da tradição linguística e dicionários, para então, observar as possibilidades semânticas em duas composições musicais e três manchetes de *sites* de notícias.

Para realizamos tal estudo, ancoramo-nos teoricamente em Cunha (1964), Sousa (2008), Naro & Votre (2002) e Hopper (1991).

2. Formalismo e funcionalismo: notas sobre os modelos

A língua pode ser entendida a partir de várias análises. Pensaremos aqui, de maneira breve, em dois paradigmas: a corrente formalista e

a corrente funcionalista. Vários são os pontos em que os dois modelos de análise linguística divergem. *A priori*, é necessário expor algumas noções e elucidar como, em cada corrente, é concebido o entendimento do que seja a língua.

No Formalismo, em termos gerais, há uma tendência a pensar a língua enquanto objeto autônomo, que tem estrutura independente das situações comunicativas reais. Nessa perspectiva, a língua é compreendida enquanto atividade mental. Os gerativistas – corrente formalista fomentada especialmente a partir dos estudos de Noam Chomsky – estudam a língua como objeto descontextualizado, sem relação com o meio em que está sendo praticada; observam as suas estruturas internas e as relações construídas entre os constituintes. De acordo Neves (2001), os estudiosos dessa corrente não se preocupam com as relações entre os

[...] constituintes e seus significados, ou entre a língua e seu meio; chegam-se então, à concepção de língua como um com ‘conjunto de frases’, ‘um sistema de sons’, ‘um sistema de signos’, equiparando, desse modo, a língua à sua gramática. (NEVES, 2001, p. 41)

No paradigma formal, as orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto, a linguagem é adquirida através do uso de propriedades inatas com base em um *input* restrito e a principal função da língua é expressar os pensamentos do falante.

Por outro lado, o funcionalismo é caracterizado pela concepção de língua como um instrumento de comunicação e, por isso, nessa perspectiva, a língua não pode ser analisada como objeto autônomo, mas, antes, como uma estrutura maleável. As estruturas gramaticais, assim, são determinadas a partir das mudanças ocasionadas em função das diferentes situações comunicativas. Aqui, língua é instrumento de interação social; o contexto social é totalmente relevante para o entendimento da língua; o estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso e a aquisição da linguagem se faz a partir de um *input* extenso e estruturado de dados apresentados no contexto. Em outras palavras, conforme Travaglia (1996, p. 23)

A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e ‘falam’ e ‘ouvem’ desses lugares de acordo com as formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais. (TRAVAGLIA, 1996, p. 23)

Vários teóricos, como Nascimento (1990), Votre & Naro (1992), Dillinger (1991) travaram embates para tentar estabelecer relações entre as duas correntes, pensando nas divergências dos dois paradigmas. Entretanto, neste trabalho, não há o estabelecimento de juízo de valor na comparação das duas correntes. Nossa intenção aqui não dizer qual corrente tem maior valor de verdade, mesmo porque entendemos que as correntes se complementam e não se excluem. Todavia, este trabalho, em função da sua especificidade, é norteado pelo farol funcional.

3. A sociolinguística: breves notas sobre variação e mudança

A sociolinguística é o campo da linguística que estuda a língua e a sua relação com a sociedade. Tem por objeto de estudo os padrões de comportamento linguístico de uma determinada comunidade de fala. Os processos de mudança e variação são o que impulsionam as pesquisas sociolinguísticas. Para os sociolinguistas, existem, entre outros, três termos importantes: variedade (diferentes manifestações de fala dentro de uma determinada língua), variante (o item linguístico que é alvo de mudança/formas possíveis de realização) e variável (traço, forma ou construção linguística cuja realização apresenta variantes).

A teoria da variação, ou a sociolinguística variacionista se constitui em uma teoria que entende que, frequentemente, em determinada comunidade de fala, existirão formas linguísticas em variação, que podem coocorrer ou concorrer. O uso de uma variante é influenciado por fatores linguísticos/estruturais ou sociais/extralinguísticos. Estes fatores constituem as *variáveis explanatórias/independentes*.

A análise destas variáveis tem como objetivo definir o quadro de variação na comunidade de fala no que diz respeito à *variação estável* (o quadro de variação tende a manter-se por um longo período; não há predominância de uma variante sobre a outra) e a *mudança em progresso* (o processo de variação caminha para sua resolução em favor de uma das variantes, com possibilidade de generalização de uso na comunidade de fala).

A citação de Cunha (1964), em *Uma Política do Idioma*, explana bem o entendimento da língua a partir da teoria da variação.

Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações. [...] Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto

e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção. (CUNHA, 1964, p. 45)

Ao lado da sociolinguística, há outra corrente linguística também engajada com o uso da língua em situações reais, o funcionalismo. Desta teoria, realizaremos uma breve discussão, afirmando que, em comum à sociolinguística, ela possui o apreço pela variação e mudança e, assim, tal fenômeno é estudado no uso efetivo da língua em situações reais, bem como tem a realização de estudos em perspectivas tanto diacrônica quanto sincrônica.

Ainda sobre o funcionalismo, realizaremos um recorte no qual abordaremos os cinco princípios de gramaticalização.

Sousa (2008), em sua tese de doutorado, apresenta cinco princípios defendidos por Hopper (1991) sobre a gramaticalização de um item. A *persistência* é um dos princípios defendidos pelo teórico e aponta para a preservação dos traços semânticos da forma fonte, por parte da forma em processo de gramaticalização. Além da *persistência*, há *estratificação* (aparecimento de novos estratos), *divergência* (existência de pares etimologicamente comuns, porém com funcionalidade distinta), *especialização* (estreitamento das possibilidades/redução de variantes) e *decategorização* (perda de autonomia discursiva e mudança de categorialidade).

Realizada essa breve discussão, passaremos, na próxima seção, à apresentação do item de estudo, o *todo*.

4. O item *todo*: algumas classificações

Analisaremos, nesta seção, as classificações gramaticais e as características do item linguístico *todo*. Para tanto, percorreremos dicionários, compêndios da tradição gramatical, gramáticas linguísticas além de guias de uso do português a fim de melhor compreender o termo em estudo.

Pesquisando a origem etimológica do termo, constatamos no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha, que o item linguístico *todo* tem sua origem do latim *totus*.

No *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* Caldas Aulete, o vocábulo *todo* é caracterizado como adjetivo, substantivo mascu-

lino, advérbio e pronome indefinido, assim como no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* e como no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

No *Prontuário de Análise Gramatical e Lógica*, o Pe. Antonio da Cruz, em 1948, já elucidava seis possibilidades de classificação desse item. Assim, sinalizava o estudioso que o item poderia ser substantivo; adj. indefinido, significando cada; adj. qualificativo, significando inteiro; pronome indefinido, sempre no plural; advérbio de quantidade, significando inteiramente; além de poder, ainda, compor locuções adverbiais.

Celso Cunha, em sua *Gramática da Língua Portuguesa*, na edição de 1986, caracteriza o item apenas como pronome indefinido e o elenca, ao lado do item linguístico *ambos*, como “[...] as únicas palavras que, em português, precedem o artigo pertencente ao mesmo sintagma”. (CUNHA, 1986. p. 237)

Evanildo Bechara, por sua vez, na *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª edição, de 2010, expõe que o item é um pronome indefinido assim como Cunha (1986) o faz. Porém, lança a mão de quase quatro páginas de seu compêndio para poder exemplificar as possibilidades de execução do dito pronome indefinido. Para ele, o item “Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal”. (BECHARA, 2009. p. 196)

Na *Gramática de Usos do Português*, Maria Helena de Moura Neves traz, em sete páginas, várias possibilidades de uso do item, que a estudiosa classifica como pronome indefinido.

Mário Vilela e Ingedore Koch na *Gramática da Língua Portuguesa* classificam o item como um pronome ou determinante indefinido, variável em gênero e número. Segundo esses pesquisadores:

Todo pode funcionar como pré-determinante [...]; no singular, marca a noção de totalidade na unidade [...] e, no plural, marca a totalidade numérica [...] ou distribucional [...]; quando posposto ao nome, marca a totalidade, equivalendo a “inteiro”[...]. Parece ter valor adverbial [...]. (VILELA & KOCH, 2001, p. 232)

Célia de Castilho, em seu texto *Quantificadores Indefinidos* defende a ideia de que o item *todo* é um quantificador indefinido. Para a estudiosa, os quantificadores “[...] indicam a porção de um conjunto à qual queremos nos referir.” (CASTILHO, 2008, p. 137). A autora também alega, nas considerações finais do seu texto, que os quantificadores indefinidos não constituem uma classe homogênea. Para elucidar, Castilho

(2008) constrói um quadro que reúne os traços definidores de cada quantificador indefinido que ela examinou. A nós, só interessa, na presente pesquisa, como a linguista classificou o item *todo*. Dentre todos os traços que a pesquisadora elencou, escolhemos observar que *todo* pode flexionar em gênero e número, além de poder ser núcleo e especificador do sintagma nominal.

Formulamos os quadros a seguir para entender, de maneira panorâmica, as possibilidades de classificação gramatical (quadro 1) do item linguístico *todo* e as posições (quadro 2) que o item pode ocupar no nicho sintático.

ITEM	CLASSE GRAMATICAL	EXEMPLO
Todo	Adjetivo (sentido de inteiro, completo, total)	<i>Todo</i> o dia foi de chuva.
	Pronome indefinido (sentido de qualquer, seja qual for, cada)	<i>Todo</i> cidadão tem direitos e deveres.
	Substantivo (sentido de coisa completa)	As partes formam o <i>todo</i> .
	Advérbio (Sentido de totalmente)	O prédio ardeu <i>todo</i> .

Quadro 1 – Classes Gramaticais

ITEM	POSIÇÃO SINTÁTICA	EXEMPLO
Todo	Pré-determinante	<i>Todos</i> os animais do <i>zoo</i> são lindos.
	Determinante	<i>Todo</i> amor que houver é seu.
	Núcleo do Sintagma (SN)	As partes formam o <i>todo</i> .
	Adjunto	O time estava avançando... <i>todo</i> .

Quadro 2 – Posição sintática

5. O item *todo*: alguns deslizes

Entendemos que se pode classificar *todo* como pronome indefinido, servindo vezes como pré-determinante (Ex.: 1: Mas você tem *toda* a razão), vezes como determinante (Ex.: 2: Mande *todo* mundo embora). Pode também ser um adjetivo quando indica a noção de totalidade. (Ex. 3: *Toda* a família veio embora.) “Também pode desvincular-se do sintagma nominal sujeito e ocorrer após o verbo, junto de um qualificador ou circunstante” (NEVES, 2000, p. 549). (Ex.: A cara da moça está *toda* engordurada).

Interessante que a noção de totalidade, apontada no exemplo 2 (o do uso de *todo* enquanto adjetivo, possibilidade presente nos dicionários citados no início dessa seção), está presente em todos os outros exem-

plos. Há certa insistência e congruência semântica no que diz respeito à totalidade.

Há, também, a possibilidade da “flutuação de quantificadores”:

Toda apresenta o chamado “movimento longo”, visto que pode deslocar-se no interior do SN e no interior da sentença, movendo-se até mesmo para fora de seu nicho sintagmático:

a) na cidade *todas* as pessoas estavam comentando o filme...

b) na cidade as pessoas *todas* estavam comentando o filme...

c) na cidade as pessoas estavam comentando o filme... *todas*. (CASTILHO, 2008, p. 147)

Entretanto, no caso da “flutuação”, o item *todas*, mesmo se distanciando do SN *as pessoas*, ainda está qualificando o SN. A movimentação feita pelo item não muda a sua função na sentença. Nesse caso, também é evidente a persistência semântica de totalidade, conforme princípio sinalizado anteriormente.

Porém, a partir do apresentado até então, perguntamo-nos como podemos classificar o item em frases como “Ela é toda toda”, presentes, por exemplo, na composição da música *Toda Toda*, de Caíque da Silva, interpretada por Lucas Lucco? Ou em “Lá vai ela *toda toda*, só tirando onda, saiu pela rua sabendo onde vai chegar”, escrita pela compositora e intérprete Karoline dos Santos Oliveira (Karol Conká)?

Primeiro, observaremos a música *Toda Toda*, de 2014. De acordo com o site de entretenimento Triângulo R7, “A música ‘Toda, Toda’ é dançante e mostra o poder da mulher em dar a volta por cima”¹⁴.

Mas quem pensou que ela tava, depressiva em casa
Só porque o namorado terminou com ela
Que ela só pensava em chorar, muito errado você tá
E a partir desse momento a cena é **toda dela**

Foi pra noite, perdeu a linha
Solteira de carteirinha
E tudo que ela faz as invejosas imita
Tá solteira mas não sozinha
Não vai ser mais boazinha
Dentro do seu coração não entra mais visita
Se ele disse que não te quer

¹⁴ Disponível em http://triangulo.r7.com/noticia/ver/data/31-10-2013/arquivo/toda-toda-nova-musica-de-lucas-lucco_31-10-2013_51400.htm Acesso em 22/04/2015.

Que bagacinho tu é
É mentira tu foi feita na medida certa
Então abre o olho mulher, vê quanto cara te quer
E quando tu passa deixa nós de boca aberta
Mas ela é toda toda
Ela é toda toda
Toda top, toda linda, leve e solta
E quer mais que você se exploda
Ela é toda toda
Chora muito agora que ela tá em outra

(LUCAS LUCCO, Toda Toda. 2014, grifos nossos)

Na música, é narrada uma história envolvendo uma mulher que se separa de um parceiro e que esse fato tem pouca relevância em sua rotina. Esta mulher também é elogiada com adjetivos como linda e *top*. Antes da realização destes encômios, é atribuído a mulher o *status* de ser “*toda toda*”. Certamente, o desenrolar da música faz a construção da imagem de uma mulher poderosa, segura de si e, sem dúvida alguma, acima dos padrões de beleza. Então, aqui há um entendimento que ser *toda toda* é uma condição atrelada à beleza. O item funciona, assim, como um adjetivo.

Podemos pensar em duas possibilidades: olhar para toda a expressão “*toda toda*” como um único item, exercendo a função de expressão idiomática, com esse sentido de algo belo; ou, pensar que o primeiro *toda* é um quantificador indefinido e o segundo *toda* funciona como um adjetivo, neste caso, especializado, representando um composto das qualidades que o contexto impõe. Assim, ao dizer que a mulher é *toda toda*, o compositor, possivelmente, diz que ela é toda linda, toda *top*. Dessa forma, fica evidenciado que segundo *toda* seria um aglomerado de qualidades, mais representativo do que dizer que alguém é apenas linda ou apenas *top*.

Na outra composição, *Sandália*, da *rapper* Karol Conká, a compositora narra à história de uma mulher independente. Vejamos o trecho:

Lá vai ela **toda toda**, só tirando onda
Saiu pelas ruas sabendo onde vai chegar
Sagacidade mostra a mente já tá pronta
Virou a esquina correu pra se libertar
Hoje ela não vai voltar, nem a espere pra jantar
Foi absorver toda adrenalina que tá no ar
Deixa ela vai! Cada um sabe o que faz
E da janela a mãe dela acende vela e pede proteção ao Pai
Deixa ela, deixa!
Ser livre, seguir sem se importar

Se quiser ir pra qualquer lugar que vá
Não tem asas mas pode voar
Ela só quer viver, ela só quer viver!
Anda de sandália pela Jamaica

(KAROL CONKÁ, Sandália. 2013, grifo nosso)

Nesse exemplo, ser “*toda toda*”, remete à imagem de independência, de certa autonomia. Aqui, o item funciona também como adjetivo, porém, não mais se referindo a padrões de beleza. A personagem está livre e tem noção de onde vai. A condição *toda toda* pode ser entendida como liberdade psicológica e física. Há outro elemento notável que é posposto ao item *toda toda*, a saber “tirando onda”.

Assumiremos que, neste caso, “tirar onda” seja sinônimo de descontraída, despreocupada. Talvez, em outro momento, seja oportuno esforçar-se nas possibilidades do verbo *tirar*. Por hora, manteremos nosso foco em nosso item.

Podemos afirmar que o uso do item “*toda toda*” é corrente na Língua Portuguesa do Brasil e está plenamente homologado pelos falantes do português brasileiro, logo que da nome a algumas lojas de moda e acessórios¹⁵, roupas em tamanhos especiais¹⁶, lingerie¹⁷, cosméticos¹⁸, bijuterias¹⁹ e *blogs* que tem como tema principal a beleza, moda e a estética²⁰. Além disso, há também comunidades nas redes sociais que levam esse nome²¹. Aqui, não funcionando mais como adjetivo, mas, sim, como núcleo de sintagma nominal, como nas frases “A *Toda Toda* deixa você

¹⁵ Ver Toda Toda Store. Disponível em: <<http://www.todatodastore.com.br>>. Acesso em: 22-04-2015.

¹⁶ Ver Toda Toda Tamanhos Especiais. Disponível em: <http://www.apontador.com.br/local/sp/barueri/shoppings/C40327741D1A2Q1A2E/toda_toda_tamanhos_grandes.html>. Acesso em: 22-04-2015.

¹⁷ Ver Toda Toda Lingerie. Disponível em: <<http://www.ilocal.com.br/empresa/sp-sao-paulo/toda+toda+lingerie/484743>>. Acesso em: 22-04-2015.

¹⁸ Ver Toda Toda. Disponível em <<http://todatoda.lojaintegrada.com.br>>. Acesso em: 22-04-2015.

¹⁹ Ver Toda Toda Bijuterias. Disponível em: <<http://www.listamais.com.br/telefone/1832220685/toda-toda-bijuterias-ltda-me-em-presidente-prudente-sp.aspx>>. Acesso em: 22-04-2015.

²⁰ Ver Blog Toda Toda. Disponível em: <<http://blogtodatoda.com>>. Acesso em: 22-04-2015. Ver Toda Toda Blog. Disponível em: <<http://todatodablog.blogspot.com.br>>. Acesso em: 22-04-2015.

²¹ Ver Toda Toda Poderosa, comunidade do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/modinhasdemeninas>> Acesso em: 22-04-2015.

mais bonita.”, ou em “Lingerie em promoção na *Toda Toda*.” Interessante pensar que, em todos os exemplos citados, há o envolvimento com o universo da estética e da moda.

Também localizamos, na mídia jornalística, ocorrências do uso do termo: “Toda toda! Katie Holmes esbanja charme nas ruas de Santa Mônica, Califórnia.”²², “Estelle está ‘toda toda’ no clipe de *Make Her Say (Beat it up)*”²³ e “Fotos: Andressa ‘toda toda’, na pista de dança do Baile Carioca”.²⁴

Podemos inferir que o uso da repetição do item *toda* tem como objetivo a busca de uma maior expressividade na comunicação. A eliminação da repetição resulta em uma frase carente de sentido, como podemos constatar na frase “Estelle está ‘toda’ no Clipe [...]” ou em “Andressa *Toda Toda*, na pista de dança [...]” A sensação de perda semântica na leitura da frase é evidente e difere totalmente da manchete que encontramos no *site UOL* (ver nota 11) ou no *site GShow* (ver nota 12), dificultando a interação entre os atores sociais. Mesmo no exemplo da cantora Estelle, que a função semântica exercida pela repetição *toda toda* não está tão evidente como os elogios à Andressa ou à Katie Holmes, basta assistir ao primeiro minuto do vídeo clipe para entender que este *toda toda* refere-se a uma mulher sensual.

Com relação à sociolinguística, podemos afirmar que a expressão em análise, *toda toda*, é uma forma variante do item *toda* usada de maneira bastante recorrente na atualidade e, com relação ao funcionalismo, podemos reiterar que, na expressão, o valor de totalidade permanece, conforme o princípio de persistência, postulado por Hopper (1991), além da estratificação de formas e, conseqüente, divergência e especialização em relação ao rumo que a forma *toda toda* vem tomando na língua em coocorrência à forma *toda*.

Elaboramos o quadro a seguir para sintetizar as possibilidades encontradas por este estudo:

²² Disponível em: <<http://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/toda-toda-katie-holmes-esbanja-charme-nas-ruas-de-santa-monica-california/2015/03/25-234004.html>>. Acesso em: 22-04-2015.

²³ Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/zxxi6bwydk0w/estelle-esta-toda-toda-no-clipe-de-make-her-say-beat-it-up-04028D9C386CE4C94326?types=A&>>. Acesso em: 22-04-2015.

²⁴ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/bbb/bbb15/noticias/noticia/2015/03/fotos-andressa-toda-toda-na-pista-de-danca-do-baile-carioca.html>>. Acesso em 22/04/2015.

ITEM	POSSIBILIDADES / FUNÇÕES	EXEMPLO
Toda-toda	Adjetivo. (A repetição enquanto único item) (após V. ser)	Ela é <i>toda-toda!</i> Estelle está ' <i>toda toda</i> ' no clipe de <i>Make Her Say (Beat it up)</i>
	Substantivo (A repetição enquanto único item)	Fotos: Andressa <i>Toda Toda</i> , na pista de dança do Baile Carioca A <i>Toda Toda</i> te deixa mais bonita!
	Adjetivo (na posição de adjunto)	<i>Toda toda!</i> Katie Holmes esbanja charme nas ruas de Santa Mônica, Califórnia.
	Primeiro item: Quantificador Segundo item: Adjetivo.	Lá vai ela, <i>toda toda!</i>

6. *Notas finais*

A partir dos estudos da sociolinguística e das noções de variação e mudança linguística, entendemos que há constantemente dentro da língua processos de ressignificação e reordenação dos elementos linguísticos.

O item *toda* vai se especializando e assumindo outras posições no sistema linguístico do português do Brasil.

Entendemos que a repetição é eficaz e está plenamente homologada no português brasileiro. Seu objetivo é garantir maior ênfase à interação entre os atores sociais.

Podemos afirmar, ainda, que ficou evidente, nos exemplos utilizados neste trabalho, os princípios funcionalistas de *especialização*, pois o item linguístico *toda* e a sua realização na repetição *toda toda* seguem possibilidades semânticas distintas, além do princípio da *persistência*, logo que há uma noção de totalidade presente em todos os exemplos expostos nos leva, mantendo o sentido de *totus*, a origem etimológica do termo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. III vol. 2. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. revisada e atualizada pelo novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO, C. M. M. Quantificadores Indefinidos. In: CASTILHO, A. T. (Coord.), ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2008.

CONKÁ, Karol. *Sandália* (música). Batuk Freak (álbum). Deck Disc. 2013.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. 12. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

_____. *Uma política do idioma*. Rio de Janeiro: São José, 1964.

DILLINGER, M. Forma e função na linguística. *DELTA*, vol. 7, n. 1, p. 395-407, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LUCCO, Lucas. *Toda Toda* (música). Por Caíque da Silva. O Destino (álbum). Sony Music. 2014.

NARO, A. J., VOTRE, S. Mecanismos funcionais do uso da língua: forma e função. *DELTA*, vol. 8, n. 2, p. 285-290, 1992.

NASCIMENTO, M. do. Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua. *DELTA*, vol. 6, n. 1, p. 83-98, 1990.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática de 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

VILELA, M., KOCH, I. V. *Gramática da língua portuguesa*. Gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. Coimbra: Almedina, 2001.

SOUSA, V. V. *Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

e mudança na forma, na função e na referencia do pronome você. 2008, 223 p. Tese (de Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.